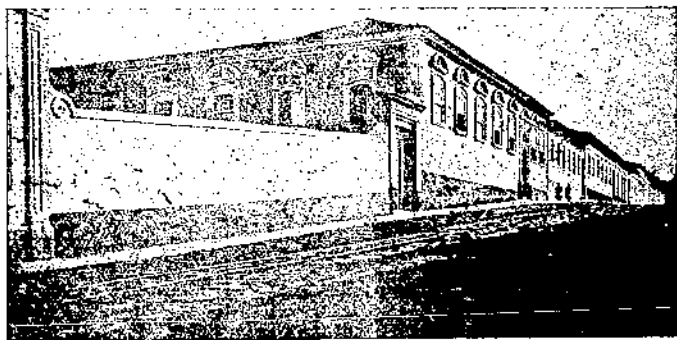


MATTO-GROSSO

Revista Mensal de
SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES



Palacio Archiepiscopal—Cuiabá.

ANNO XII

Num. 2

CUIABÁ — Fevereiro — 1915.

Matto-Grosso

— REVISTA MENSAL —

DE

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

ANNO XII

Quilabí — Fevereiro — 1915

Num. 2

D. Frei Luiz Maria Galibert

— 1.º Bispo de São Luiz de Cáceres —

nabre gosto da S. Sé Apostólica nomeando Fr. Bispo de São Luiz de Cáceres, ao douto e virtuoso Frei Luiz Maria Galibert, D. D. Provincial dos R.R.P.P. Franciscanos da 3.ª Ordem, em Matto-Grosso, veio coroar a série rutila de altos feitos religiosos que, de um anno a esta parte, vão-se desenvolvendo no nosso futuro Estado.

São elles a prova mais eloquente da prodigiosa vitalidade da Igreja catholica, e do criterio serio, independente e rijo que preside a todos os seus actos, entre os quaes a vult a escolha dos Pastores supremos das dioceses do mundo inteiro.

E na verdade, nessa triade de Bispos ultimamente escolhidos no nosso Estado, vê-se claramente quão bem avisada ella está, e como na escolha se orienta tão só movida pelo desejo ardente da salvação das almas.

Começou preconizando o joven compatriota D. Aquino Corrêa, cujas virtudes e vigor auxiliarão potentemente o venerando Metropolitano; em seguida o Rvm. D. Antonio Malan, cujas epopeas gloriosas em prol do selvícola, percorreram o Brazil; chegou ultima, a nomeação do illustrado franciscano, cujas mortificações e preces foram durante

dez annos, o fujam poderosa, a attrahir bençãos e graças á grande, sobre a diocese.

Quando Moyses erguia as mãos orando, os seus venciam. Não foi no entanto, tão só a vida contemplativa, cujas características essenciaes cifram-se na prece ardente e na mortificação austera e continuada, os titulos pelos quaes a S. Sé quiz arrancar o talentoso franciscano dos muros do claustro, e collocar-o á testa de uma diocese importantissima e difficil...

Como a violeta ainda que escondida por sob a relva não pôde impedir que o agradável perfume se evolva a acariciar o olfato do transeunte, e, como que a seu pezar, muita feita deve ornamentar, embalsamando o ambiente, os ricos jarros que tapetam e embellezam as mezas e salas dos grandes: assim o Frei Luiz Maria Galibert, não alcançou occultar nas cellas do claustro a luz intensa e edificante que sua attrahente personalidade desprendia; foi admirado por quantos o conheciam, e a alta fama de sábio e de santo, voou, voou até a cathedra de Pedro que vive e governa, na pessoa de Bento XV.

No exemplar religioso reconheceu o Pontifice o homem plasmado conforme o Coração de Deus; o ho-

mem tallado pela doutrina, prudencia e zelo, a guiar uma diocese extensissima, cuja regencia, a par das virtudes mais solidas, exige um espirito de sacrificio á tola prova.

E quem póde exactamente avaliar o zelo ardente do humilde franciscano, a par das outras virtudes todas; zelo amplamente manifestado, em percorrer repetidas vezes, cidades e villas, entretido unicamente em catechizar os pequenos e os ignorantes? Zelo que brilhou no pulpito, em o qual o Rvdo. Frei Galibert, leva sempre não já a phrase bombastica, não já a eloquencia que momentaneamente deleita, mas a doutrina profunda que se impõe pela formosura intima que encerra, e pela firmeza inconcussa de uma dialectica ao alcance de todos, e, por isso mesmo difficilissima, e que soubejaamente revela o fundo e solido preparo do orador?!

Palavra prodigiosa é a de S. Ex., porque é a expressão e ornamento de uma vida religiosa perfeitamente austera, ao extremo edificante. Seu zelo se desprehe de todos os seus actos. Apparece-lhe no riso modesto e comedido, no gesto sobrio e natural, no passo compassado e firme, na palavra repleta de unção, no porte sempre humilde e edificante.

Hoje, pois, que este admiravel conjunto de doutrina e virtudes aerysoladas, não está mais retido entre as limitadas e estreitas paredes de um mosteiro, mas é levado á cathedra suprema de uma diocese para que a todos os diocesanos seja luz intensa, e sal que preserva, nós é licito esperar maior copia de fructos sazonados de seu apostolado exclarecido e intenso.

A S. Ex. Rvma, cheguem

nossos applausos. Aos seus irmãos do orden, nossas congratulações. Possam os diocesanos justamente aquilatar seus extraordinarios meritos; e se-lhe mostrem filhos dedicados e submissos, pois Elle é um santo. Elle é um mestre, Elle é um pae.

«D. Frei Luiz Maria Galibert nasceu em Lasfaillades, na diocese de Albi (França), aos 31 de dezembro de 1877. Fez seus estudos secundarios na Escola de S. João, mantida pela Ordem Terceira Regular de S. Francisco, na mesma diocese de Albi, estudos que foram coroados pelo grau de Bacharel em lettras que lhe foi conferido pela Faculdade de Tolosa.

Sentindo-se chamado á vida religiosa entrou no noviciado da ordem Terceira Regular de S. Francisco, aos 4 de outubro de 1893, e fez sua profissão religiosa aos 4 de outubro de 1894. Depois de ter estudado dois annos a philosophia e ter exercido o professorado secundario dois outros annos, os Superiores da Ordem mandaram-no na Faculdade livre de Angers, onde com inextinguivel brilho conquistou a licença em lettras, grau que lhe foi conferido por banca examinadora de uma faculdade da Republica.

Em seguida fez seus estudos theologicos, e aos 24 de julho de 1902 recebeu a ordenação sacerdotal na Terceira Ordem. Foi successivamente professor de lettras e de philosophia nos collegios de S. João e de Santa Maria, na diocese de Albi.

Entretanto S. Ex. D. Carlos Luiz d'Amour tinha convidado a Terceira Ordem franciscana de França para encarregal-a do serviço parochial das freguezias do norte de Matto-Grosso; quando, a seu pedido, veio o

Rvma. Frei Luiz Maria Galibert reuniu-se aos companheiros que o tinham precedido nesta diocese, aqui desembarcando aos 25 de setembro de 1905.

A confiança de que gozava junto aos Superiores da Ordem lhe valeu o título de Superior local de Cuyabá com poderes de Provincial para as outras casas da mesma Ordem em Matto-Grosso, cargos que preenchia com zelo e prudência à satisfação de todos os seus irmãos em religião.

O Bispo hoje nomeado de S. Luiz de Cáceres pertence a excellente família christã que já deu a Igreja um bispo na pessoa de um primo de S. Exe. mons. Luiz Maria Galibert, bispo de Eno e missionário em China, já falecido ha annos.»



A imprensa e o novo

Bispo de S. Luiz de Cáceres

Toda a imprensa conscia de sua nobre missão, em a nossa capital, teve unanime, rasgados elogios ao saber-se da nomeação do virtuoso e sabio franciscano D. Frei Luiz Maria Galibert, o 1.º Bispo de Cáceres. Nem podia ser diversamente, visto o interesse que suscita a nomeação de um Bispo, mórmente quando é eleito a reger uma diocese recém-formada.

A importancia que adquire o lugar, séde do novo Bispo, entre outras cidades, co-irmãs; o incremento religioso, e com elle o progresso intellectual e moral que ali se desenvolve são effeitos immediatos a installação de um Bispado; motivos estes, pelos quaes cidades muitas desejaram uma tal ventura e procuram-na, não raro, com solicitude e sacrificios.

Nossos parabens pois aos nobres

cacerenses, deixando aqui consignado quanto a imprensa desta capital publicou, ao ter conhecimento da nobre investidura com que foi merecidamente distinguido o illustradissimo franciscano.

1.º Bispo de São Luiz de Cáceres

IMPULGANTE MANIFESTAÇÃO

«Domingo p. p. como já annunciámos, realison-se, ás 7 hrs. da tarde, a grandiosa manifestação de apreço a S. Ex. Rvma. o Sr. D. Frei Luiz Maria Galibert, ultimamente eleito Bispo de S. Luiz de Cáceres.

Tomaram a iniciativa em promover a os distinctos socios da Liga Catholica e a briosa mocidade da Companhia S. Luiz. O exito foi esplendido e veio pôr em sublime relevo quanta estima e dedicação generoso povo cuiabano devota ao illustrado franciscano, em bôa hora, pela Santa Sé eleito príncipe da Igreja.

Nos amplos pateos do Lyceu Salesiano, ponto de reunião, affluíram umas 600 pessoas, e dahi, tendo á frente a garbosa banda do Estabelecimento, foram em grandioso prestíto, até o Seminário, render testemunha de sincera admiração e homenagem á S. Ex. Rvma.

Durante o trajecto, de todas as ruas vinham pessoas augmentar as fileiras; de modo que os amplos porticos do magestoso edificio, as salas terreas, e o pateo interior do Seminário ficaram completamente repletos; vendo-se muitos manifestantes impossibilitados a entrar e obrigados a permanecer no cume do gracioso outeiro, onde ergue-se o vetusto edificio.

Notamos a presença de todo o clero regular e secular; S. Ex Rvma. o Sr. Bispo Auxiliar; grande numero

de cavalheiros, os representantes de varias escolas e collegios, e encorporados, os alumnos internos do Lyceu Salesiano. O Exmo. Snr. Arcebispo Metropolitano e o Snr. Bispo de Anísio, fizeram-se respectivamente representar por Mons. Bento Severiano da Luz, o primeiro; e pelo Rvd. P. José Galbusera, o segundo. Logo que S. Ex. Ryma o Sr. D. Frei Luiz Maria Galibert, appareceu e tomou assento no lugar adrede preparado, um estrondoso viva e uma prolongada salva de palmas, romperam por entre a multidão agglomerada, mostrando em nobre surto o frenente enthusiasmo de todos.

Começaram então as saudações e discursos occupando successivamente a tribuna os Exms. Srs. Theodorico Corrêa, em nome da Liga Catholica; Agostinho de Figueiredo e Frederico Londão, representantes da Companhia S. Luiz; P. Luiz Montuschi, interprete da Missão Salesiana; o Sr. João Garcia, em nome da mocidade cacerense, o Sr. José de Castro, representante dos alumnos do Lyceu Salesiano; e o Bacharel Ezequiel de Siqueira, em nome do povo cuiabano.

Difficil é synthetizar quanto os oradores em suas primorosas e meditadas orações disseram: entretanto o pensamento que a todos elles preoccupava em enaltecer o novo Bispo, cuja acertada nomeação era esperada e desejada por quantos tecm a felicidade do collegio, ou classificaram na de nobre gesto, ou neste periodo de intensa vida religiosa no nosso Estado e que constitue o cyclô da Renascença, no nosso meio.

Viam em S. Ex. o homem pela divina Providencia moldado a desempenhar a portação, o difficil papel de Supremo Pastor, à testa de uma diocese, que por pessoa largo e pro-

fundo cultivou theologico-scientifico-literario, zelo inextinguivel, prudencia à toda prova, e singular modestia. E como o espirito de simplicidade e pobreza do seraphico Francisco de Assis, no inicio do seculo XIII, foi na Europa, mómente na Italia, um sopro de vitalidade religiosa, assim a nomeação de Frei Luiz Maria Galibert, franciscano perfeito, será na diocese que a Providencia lhe outorgou, fôco admiravel a irradiar as scintillações rutilas destas mesmas virtudes tão necessarias e attraentes.

Os oradores todos foram felizes na manifestação dos proprios sentimentos, e em molduraram perfectamente a figura do douto franciscano. Levantou-se, em seguida, S. Ex. Ryma, para agradecer a todos os sentimentos manifestados, e patentear as emoções innumeras que lhe iam n'alma.

Declara-se elle profundamente commovido pela imponentia da manifestação e agradece aos catholicos que lhe vieram trazer o testemunho de sua amizade e de suas sympathias, especializando seus agradecimentos ao Exmo. Sr. Bispo Auxiliar e ás distinctas corporações que promoveram a manifestação.

Tanta benevolencia e encheria de confusão se não soubesse que estas homenagens não se dirigiam tanto á sua pessoa como a Igreja, ella mesma representada por seus ministros e sua hierarchia, além d'isto, as dignidades ecclesiasticas não são uma honra, de que se possa prevalecer o orgulho humano; ellas apenas trazem consigo uma fôrmidavel responsabilidade e uma obrigação mais estrita de servir seus irmãos.

Nunca, accrescenta o humilde franciscano, podia elle pensar uma elevação tão repentina e tão immodesta. Toda a sua ambição era con-

tinuara a vida modesta e obscura que ia levando ha dez annos e que lhe proporcionou as mais profundas alegrias, as consolações mais intimas no ministerio das almas. E agora que o Santo Padre põe-lhe nos hombros o cargo episcopal, é só por espirito de obediencia que accceita o que irá onde o leva a Providencia, não sem receios, porém, confiando em Deus e com inteira boa vontade.

Contudo, o episcopado lhe proporciona algumas consolações a primeira é prendel-o definitivamente ao Brazil por laços indestructiveis. Já podia se dizer Brasileiro pelo amor que dedica a esta terra e pelo desejo que tinha de lhe consagrar a sua vida. Mas hoje Deus mesmo o liga mais fortemente a sua patria de adopção pelo vinculo da paternidade espiritual, vinculo que só a morte, ou a vontade do Summo Pontifice poderão romper.

Outra consolação é ver-se associando aos nobres trabalhos do Episcopado Brasileiro tão illustrado, tão apostolico e que soube dar á expansão de nossa santa Religião um maravilhoso impulso, quão grato lhe será collaborar, nesta Provincia ecclesiastica, á grandiosa obra da evangelização, ao lado do Exmo Sr. Arcebispo Metropolitano e dos Exmos. Srs. Bispos seus sufraganeos, que sempre considerou como verdadeiros Mestres e Pais, e a quem se sente ligado pela mais profunda veneração e o mais respeitoso affecto.

Selhe faltam os talentos, e nelle brilham esplendidamente, ao menos pensa ter o mesmo amor ás almas e o mesmo desejo de salvá-las.

«Sim, exclama o orador ao terminar sua allocução, já a minha alma suspira por essa querida e bella Igreja de São Luiz de Cáceres que Deus na sua bondade me deu em partilha;

acabo de receber, e com quanta emoção! — a sua saudação affectuosa pela voz d'um de seus filhos queridos, voz maviosa e entusiastica, voz cheia de encantos para mim, quem'a trouxe com os perfumes de sua terra natal. Ah! permitti que eu lhe retribuia, que lhe dirija o saudar de meu amor e de minha indefectivel fidelidade. Já, dia e noite, penso nesses milhares de almas espalhadas nas cidades e nas villas, nos campos, na beira dos grandes rios como no fundo das floresta mysteriosas; e meu desejo mais ardente é ir a ellas quanto antes e consagrar-lhes tudo quanto tenho de forças, de amor e de vida. Sim, deixai que eu saia com entusiasmo e estremecimento essas almas que ainda não conheço e que contudo amo com affecto paternal. Almas mil vezes mais preciosas e mais bellas do que o ouro ou os diamantes arrastados sob as aguas de nossos rios ou escondidas nas veias do nosso sólo uberrimo, almas remidas pelo sangue divino, oxalá pudesse eu, com o soccorro de Deus, e o auxilio de vossas orações, e cooperação de meus irmãos na religião e no sacerdocio, levá-las todas a Nosso-Senhor Jesus-Christo, o Pastor dos Pastores, que S. Pedro chama o Bispo de nossas almas.»

Vibrante salva de palmas cobriu as ultimas palavras de S. Ex. e logo em seguida foi pessoalmente felicitado pelos presentes.

Cheguem á S. Ex. ~~Roma~~, os nossos applausos, e os augurios de farta messe em seus labores apostolicos, e a certeza que q teremos sempre presente em nossas preces.

(Da A Cruz)

D. LUIZ MARIA GALIBERT

«Estão ainda na memoria de todos

os cuyabanos as brilhantes festas organizadas para celebrar a merecida nomeação a bispo dos Rios, P. P. Antonio Malan e Aquino Corrêa; a chegada nesta capital do primeiro e a incomparavel festa da sagração do segundo: eis que nos chega agora a da nomeação de do Rvm. Frei Luiz Maria Galibert, da Congregação franciscana, para bispo de Caceres, ficando assim completa a Província ecclesiastica de Matto Grosso.

Esta ultima nomeação de S. S. Bento XV não podia ser mais acertada; D. Galibert é um religioso de profundo saber e de grandes virtudes. Os seus estudos classicos foram particularmente brilhantes, bacharelado se aos 16 annos numa faculdade franceza, e detendendo magistralmente these de doutor em sciencias e letras, aos 19 annos na Universidade de Clermont (França). Ensinou successivamente e com grande exito a philosophia e a theologia. Ao saber profundo. D. Galibert une as mais bellas qualidades de coração: bondade, modestia e prudencia.

A diocese de S. Luiz de Caceres possui, pois, um bispo de dotes superiores e admiravelmente prendado para desempenhar o *onus* episcopal, numa diocese nova onde tudo está por fazer-se.

Domingo prox.p. a Liga Catholica e a Companhia S. Luiz de Gonzaga organizaram, em honra do novo Bispo de Caceres, uma esplendida manifestação de apreço. A's dezenove horas estava litteralmente repleta a vasta varanda do Seminario Episcopal. Tomaram successivamente a palavra, em nome da Liga Catholica o sr. dr. Theodorico Corrêa; em nome da Companhia S. Luiz o sr. Frederico London e Sr. Agostinho de Figueiredo e, em seguida, o Rvmo. P. Luiz Montuschi e o alumnus salesiano José

de Moraes e Castro; em nome dos cuyabanos o bacharel Ezequiel Ribeiro de Siqueira, e, finalmente, em nome dos cacerenses o gentil menino João Garcia.

Profundamente commovido, respondeu o Rvmo. Frei Luiz Maria Galibert agradecendo essa sympathica manifestação, que sabe ser dirigida, não á sua pessoa, mas á Igreja, representada por seus ministros e sua hierarchia. Nunca tinha sonhado semelhante honra, que aceitou sómente por obediencia religiosa. Aliás, essa honra lhe proporcionara consolações, em prendel-o definitivamente ao Brazil por laços indestructiveis, em fazel o collaborador nos trabalhos nobres do Episcopado Brasileiro, aqui tão bem representado nas pessoas dos exm. sr. Arcebispo e seu digno Auxiliar. Depois, diz quanto calou findo na sua alma a saudação do jovem cacerense, e terminou externando entusiasticos sentimentos apostolicos a respeito da nova diocese á qual vae elle consagrar sua vida toda.

O sympathico franciscano foi freneticamente applaudido e muito abraçado.

Esta redacção sente-se feliz em cumprimentar tão digno representante do grande S. Francisco de Assis e congratula-se com a missão franciscana neste Estado e com os diocesanos de S. Luiz pela merecida nomeação do Bispo D. Frei Maria Galibert.

Ad multos annos.

(Do *Diário da Tarde*)

D. LUIZ GALIBERT

«Foi nomeado bispo diocesano da cidade de S. Luiz de Caceres o distincto padre dr. Luiz Galibert a quem

temos a satisfação de felicitar por este auspicioso acontecimento.

Sabemos que a Liga Social Catholica e a associação juvenil S. Luiz Gonzaga, congratulando-se com o recém eleito bispo pela digna elevação com que acaba de ser distinguido pelo actual Pontífice Romano, convidam a todos os catholicos, amigos, admiradores das instituições catholicas, as familias e as associações religiosas para a manifestação de apreço ao distincto purpurado, cuja realização levam a effeito hoje, ás 20 horas.

As associações acima referidas, nutrem a justa convicção de que a sociedade cuyabana ha de accorrer a este appello, sabendo ser ella, como é, composta na sua totalidade de pessoas que veem com agrado o triumpho dos bem intencionados, dos homens convictos da sua missão social.

O ponto de reunião é o Collegio Salesiano, de onde partirá o prestito com a banda de musica do mesmo estabelecimento.»

(Do *O Matto-Grosso*)



O sagrado anel e a cruz de

D. Frei Luiz M. Galibert

Não nos transmittiu o Evangelho o nome da pobre viuva que depositou duas simples moedas no cofre do Templo, porém exaltou o seu gesto e affirmou que essa mulher deu mais que todos os outros, pois tinha-se privado, por amor de Deus, do necessario.

Pois bem, esse sublime gesto de desprendimento, mil vezes imitado no decorrer dos seculos, reproduziu-se nestes ultimos dias em Cuiabá; e nós, tornando-o publico, não pretendemos fazer *reclame*; celebrando sua nobreza e delicadeza imitamos a N. Senhor que semelhante gesto louvou ha 2 mil annos.

Por uma iniciativa toda espontanea, num surto de coração de uma fineza que profundamente nos commove, umas senhoras do povo, umas pobres, porém muito nobres viúvas, mãos generosas quanto delicadas, quizeram honrar a Pobreza de um filho do Pobre de Assis, S. Excia D. Frei Maria Galibert. Bispo eleito da diocese de S. Luiz de Cáceres, diocese pobre como pobre é o seu bispo, sendo aquella sem recursos e sem organização de especie alguma. Com muito gosto, e apesar da crise aguda que atravessamos, privaram-se essas generosas pessoas, si assim me posso exprimir, do pão quotidiano, para offerecer um anel e uma cruz de ouro a esse Bispo, de uma terra longinqua pelo nascimento, mas cujo coração e cujas forças, elle mesmo já o disse, pertencem, ha dez annos, e para sempre ao Brazil, a Matto-Grosso.

Com muito gosto essas boas almas tiraram de seus dedos os anneis de ouro, dos seus cabellos os preciosos brilhantes e dos seus calçados as ricas fivelas; procuraram nas gavetas cruzes, correntes e brincos; lembranças e enfeites de sua mocidade, para tudo offerecer a quem veio em Cuiabá unicamente para salvar almas, diamantes e perolas estas, de um preço infinito, lavadas no sangue de um Deus, e que, hão de adornar um dia a corôa de Deus Eterno.

Oh! como hão de se cercar a D. Frei Galibert essas joias, producto da delicadeza e do reconhecimento, lapidadas tão magnificamente pela Pobreza e pelo desprendimento! E essa corrente que vae segurar sobre o seu peito a cruz de ouro, não vae lembrar a D. Galibert os coraçãoes que lh'a offereceram, para que a Deus elle apresente os seus nomes todos?

E não será ella assim como um laço mysterioso e forte que vae unir

mais do que nunca as duas dioceses de Cuyabá e de Cáceres?

Interprete do pensamento e dos sentimentos de S. Excellencia, "A Cruz" agradece com toda sinceridade o maior effusão de coração esses offerecimentos generosos e espontaneos, tanto mais agradaveis quanto modestos e affectuosos. Não citaremos nomes, muitos nos são desconhecidos, pois souberam dar com uma arte tão modesta e tão delicada! Porém Nosso Senhor os conhece todos, e Elle, a quem aliás foram feitos todos esses presentes na pessoa do seu ministro — saberá distribuir as suas recompensas; de resto é essa esperança que inspirou os corações e fez abrirem-se as mãos com tanta generosidade. "A Cruz" cumpre modestamente o seu dever, felicitando calorosamente essas almas do escól que Cuyabá possui em avultado numero.

Estamos certos que Cáceres reserva a seu Eleito emoções não menos tocantes e eloquentes, pois, aqui e lá, está vibrando o mesmo coração.... Mattogrossense.

(Da *A Cruz*)

Despedida

Inspirada no exemplo de todos os povos, que trabalham com ardor para perpetuarem os seus feitos originando os monumentos que a litteratura tem sabido crear atravez dos seculos, um punhado de distinctos Mattogrossenses, publicaram, em janeiro de 1904, o primeiro numero de nossa Revista.

Desde então appareu ella mensalmente olhos fitos no seu ideal: Religião e Patria... D'aquelles primeiros redactores uns se evoluaram para as regiões do além, outros trocaram

de domicilio, e uns absorvidos pelos negocios elactas da vida nos abandonaram.

Outros de igual capacidade e prestigio vieram occupar as fileiras dizimadas, e nossa redacção orientada e auxiliada no conselho e collaboração quasi continua do illustrado Des. Luiz da Costa Ribeiro pôde até a presente data continuar sua marcha difficil porém moralisadora e patriótica.

Hoje difficuldades novas antolham-nos o caminho, não ultima a crise financeira que assola a sociedade. A morosidade de pagamentos do assignantes, por parte de alguns, a falta de papel que não se encontra em nossa praça e não nos vem de exterior; e ainda, mais a actual crise que fez com que os corações benfazejos não auxiliem na proporção das necessidades o sustento dos orphãos gratuitamente educados nas officinas Salesianas a cuja manutenção a Missão Salesiana deve completamente pensar e occorrer, obrigando-nos a suspender a publicação da Nossa Revista.

Será uma simples suspensão ou uma morte?

Não nos é dado presentemente dizel-o... Neste momento alegramos a convicção profunda de termos produzido algum bem.

Recordamos com saudades o passado e agradecemos satisfeitos a Divina Providencia pela protecção que nos dispensou. Pela "Matto-Grosso" o nosso extremoso Estado foi melhor conhecido; melhor seus homens, de merito; suas glorias, conhecidas suas grandezas. Isto nos basta e é proprio aos trabalhos que prenderam nossas energias.

Aos collaboradores, assignantes e amigos nossos agradecemos,

A Redacção.

Chegada de D. Antonio Malan

(Continuação e conclusão)

Novamente o prestito poz-se a caminho entrando na rua Couto Magalhães que, desde a Igreja S. Gonçalo ao Lyceu Salesiano, estava majestosamente embandeirada por galhardetes e bandeiras, e enfeitada por dois grandiosos arcos; o primeiro da Companhia S. Luiz; do nobre povo Cuiabano, o segundo.

Durante o trijecto S. Ex. foi saudado por uma distincta senhorita cuiabana, eloquente representante das Filhas de Maria Auxiliadora: eis a bella poça:

Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Sr. D. Antonio Malan,

D. D. Bispo de Amis e Prelado de Anagnina,

Dentre o coro magnifico de corações que hoje, harmonioso e unanime, festja o vosso fausto regresso aos verdes morros auríferos da nossa cidade natal, desprende-se, argentina e cantante a voz das jovens alumnas do Collegio "S. Catharina".

A vossa modestia, Ex.cia Rv.ma, impoz sempre aos nossos labios e aos nossos corações o mais rigoroso sigillo; permitti, porém, que nest'ora triumphal, em que todos vos acclamam, tambem nós, as vossas carinhosas filhas espirituaes rompamos o silencio, dando largas á expansão e effusão das nossas almas, semelhantes ás cascatas crystallinas e sonoras das nossas serras virgens, e perdoae o nosso indiscreto enthusiasmo de creanças.

Celebrem outros em V. Ex.cia Rv.ma o grande pioneiro do christianismo em nossas plagas. o Apostolo dos Boróros, o colonizador do nosso inhospito sertão, o fautor intelligente e laborioso da nossa agri-

cultura, o propulsor poderoso do nosso progresso, o propagandista incansavel das riquezas e do brilhante futuro do nosso Estado, o paciente e benemerito modelador dos seus cidadãos de amanhã; nós saudamos em V. Ex.cia Rv.ma unicamente o zeloso benfeitor da educação da mocidade feminina da nossa terra.

Sim, Ex.cia Rv.ma, bem poucos conhecem os vossos abnegados esforços para dotardes a nossa capital, dessas dedicadas mestras que são as Irmãs, Filhas de Maria Auxiliadora; bem poucos conhecem a vossa continua paternal assistencia sobre o Instituto, onde recebemos a mais pura educação moral, os vossos illuminados conselhos, as vossas palavras de conforto, todo o vosso zelo enfim, para que se torne cada vez mais florescente aquelle perfumoso jardim e viveiro de futuras mães de familias.

A quem, portanto, sinão a vós, Ex.cia Rv.ma, dedicaremos as flores dos nobres ideaes e das candidas virtudes primicias das nossas almas virgens, educadas pela mão cariciosa das queridas mestras que nos destes?

Deixae, pois, que no meio d'essa esplendida primavera de flores que hoje, em irizada apothéose, vos circunda, derramemos tambem nós sobre V. Ex.cia Rv.ma, a mystica efflorescencia virgem das nossas almas. Cada uma dessas corollas como outras tantas setinosas boccas, faldarvos-á melhor do "que nós, cada uma vos agradece: "Deus vos pague!" e todas, como que em um coro de perfumes, bradarão: "Viva D. Malan, o Apostolo das futuras mães de familias de Matto-Grosso!"

Tomou então a palavra o quintanista Sr. Alinor de Lima Bastos, em

nome da Companhia S. Luiz, expressou todo o entusiasmo que lhe ia n'alma.

Em chegando S. Ex. ao Lyceu Salesiano, tomou a palavra o Sr. Ascendino Sampaio que, com muito desembaraço e correccão assim se expressou:

Exm. Sr. D. Malan

A historia em suas rutilas paginas descreve-nos o triumpho dos imperadores romanos. quando após as luctas renhidas e sangrentas, voltavam victoriosos ao paço imperial. Dezenas e centenas de vencidos acorrentados ao soberbo coche, eram barbaramente arrastados pelas ruas publicas e o povo se apinhava a saudar:

Ave Cesar: Nós te saudamos oh! Cesar. Algo d'aquelle triumpho porém com um symbolismo infinitamente mais bello, mais empolgante e grandioso desenrola se aos nossos olhos na presente recepção. V. exc. sr. d. Malan é o pacifico e abnegado conquistador de tribus, o proveito educador e amigo da mocidade euyabana. De ha longos annos, digno ministro d'aquella religião, que unica, pela doçura e pelo amor transformou o mundo; batalhador indefesso do bem e do progresso do nosso Estado; eis que volveis hoje aureolado pelo sagrado character episcopal, melhor aparelhado para novas luctas e novos triumphos, e o povo satisfeito entusiasticamente vos applaude. Nesta manifestação que se reveste dos fulgores d'uma apothecose, tomam parte dando-lhe eloquente realce os boróros, trophéus sublimes da cruz, unica arma das vossas pezoas. Não já porém arrastados como os vencidos dos imperadores romanos nas attrahidos pelo amor voluntaria e prazenteiramente vos acompanham e se ufamam de proclamar-vos extremecido pac.

Excia, sede bem vindo, é o grito desta briosa mocidade educada no Lyceu S. Gonçalo que unilamente aos boróros compartilha do immenso jubilo do povo inteiro, constituindo de V. Excia. a mais lidima gloria.

Viva s. excia. d. Malan!!

Por ultimo o Exm. Sr Desembargador Ferreira Mendes, d. d. Secretario do Interior, Justiça e Fazenda, saudou o Exm. Bispo de Amiso, produzindo uma brilhante peça de subido valor litterario e que já reproduzimos no nosso numero passado.

O Exm. homenageado respondeu commovido agradecendo tantas provas de carinho e entusiasmo, e erguendo um viva ao povo catholico euyabano. Foi uma imponente demonstração de apreço apta de per si a mostrar os inegualaveis meritos do Novo Anchieta, meritos que collocam sua preclara individualidade em proeminente destaque por entre os pioneiros da civilização e do progresso e que tão só fulguram entre os sequazes da cruz redemptora.



DERRADEIRO HARPEJO

Como em uma musica classica e delicada sempre ha um grupo de notas, o *motivo*, cuja melodia, ora robusta, ora delicada, mas sempre perceptivel deleita o ouvido affeito á divina arte de Euterpe, assim na nossa revista, de um anno á esta data, sempre apparece uma pagina dedicada á S. Ex. Rvma. D. Aquino Corrêa.

E ainda hoje apparece um harpejo: é o derradeiro. É um duplo trino, delicado e harmonioso a indicar

a intensa corrente de francas sympathias que S. Ex. captivou, em qualquer lugar onde esteve. Representa a primeira parte a saudação dos antigos collegas, a segunda a expressão do carinho que lhe devotam os boróros que, lá no alto Araguaya, crescem monumentos sublimes da Cruz redemptora. E' esta a primeira poesia impressa em pura lingua boróra: era conveniente que a penna de um antigo preceptor de S. Ex. que, com abnegação e amor dirige a Colonia indigena do S. Coração, viesse primeira, homenagear o primeiro Mattogrossense Sagrado Bispo.

RICORDANDO

Mi si permetta che, in questo giorno di festa levi anch'io la mia voce di saluto, o, poichè non potrei ben esprimermi nell'armonioso idioma di Camões, mi si permetta che parli nella lingua di Dante, per quanto anche questa, sul mio labbro, sia per essere; ahimè! — poco gentil sonante e pura»...

La ragione più forte che mi spinge a prendere la parola è che io non parlo già a mio nome; ma per compiere un dovere di rappresentanza, quasi direi un dovere di ambasciatore.

Sì; poichè vengo da Roma, e poichè ho avuto la fortuna e l'onore di essere stato dell'Eccmo. Mons. D'Aquino compagno all'Universita Gregoriana, io devo far vibrare qui i ricordi del passato, devo portare qui gli auguri e i voti dei suoi colleghi e amici d'oltremare.

Ricorda, Eccm. Mons. D'Aquino,

gli anni belli di Roma? Oh! certo che li ricorda; perchè Roma traccia, nel cuore di chi la vide, una scia lunga di ricordi dolci e cari come quelli di una madre.

Vi ha nel cielo una via di stelle — la Via Lattea — che le genti dissero Via di Roma. Quante cose, alla sera, non le deve ricordare quella luminosa via! Non le parla del fascino immenso che Roma esercitò sul suo spirito giovane e ardente coi suoi momenti ancora palpitanti di gloria? E non ode venir su dalle Catacombe di S. Callisto e dai sepolcri papali — Oh! la dolcezza della sua prima Messa celebrata in quelle sacre cripte! — la voce dei nostri Martiri fratelli?

E la gloria delle magnifiche basiliche e lo scampanio delle cento torri che, avvolto nel sole fulgido, cantavano per i sette colli il trionfo, e la bellezza delle nostre feste cristiane, potrà — mai dimenticare?

E potrà mai dimenticare il bianco Vegliardo che Ella tante volte vide passare, per le navate immense di S. Pietro, benedicendo dal suo trono dorato al popolo dei suoi figli?

Potrà mai dimenticare l'angelico Pio che aveva, nelle udienze parole così buone con tutti, perfino con i bimbi irrequieti che riempivano quelle sale auguste di tanto lieto clamore.

Io ricordo che un giorno Ella Monsignore, condusse a Lui lo stuolo dei giovanetti che aveva preparato alla Gara Catechistica e che erano risultati premiati, tra tutti i giovani di Roma —.

E ricordo che il Papa le posò le mani sul capo parlandole brevemente.

Pensava forse allora il buon Pontefice che alla distanza di pochi anni, avrebbe chiamato quel giova-

ne che si prostrava al bacio della sacra mano, più vicino alla sua Cattedra di verità, facendolo successore degli Apostoli, Vescovo della Chiesa?

Oh! come Ella sarebbe stato lieto non è vero. Ecco. Revma. — recandosi in Italia potersi inginocchiare ai piedi di Pio X, e nel suo cuore grande di Padre versare la piena della riconoscenza e delle trepide speranze...

Dio non volle. Sulla terra passava — e purtroppo non è ancora cessato — l'immane turbine della guerra. Il fragore dell'armi, il rombo dei cannoni semianti la strage, su così vasta scala, giunse fino al trono del Pontefice pacifico; il suo occhio stupì davanti al sangue rosseggiante dei suoi figli, il suo cuore così buono, così tenero, tremò, tremò e si spense. Fu così Pio X la più augusta vittima della guerra.

Per tutto questo Ella, Ecc. Revma., non potrà dimenticare Roma.

E Roma adesso susciterà nel suo cuore una folla di altri ricordi, degli amici e compagni tra i quali passò tanto tempo in dolce comunanza e aspirazioni e intimità di affetti. —

Ora Ella è salito in alto; ma il suo cuore conserva inalterati i palpiti dell'amicizia.

E così la sua mente ripensa e il suo cuore ritorna tra gli antichi compagni tra i giovani dell'oratorio festivo e del Circolo S. Cuore che furono, per vari anni, «sua cura e suo diletto».

E' così bello ricordare.

O figure giovanili che, con l'ardore entusiasta proprio della vostra età, seguivate l'ottimo D. Aquino nella via del bene che vi tracciava, e di tanto affetto lo amaste, voi sfilate ora davanti al suo occhio

e fate vibrare le fibre più delicate del suo cuore.

O miei e suoi antichi compagni di studio e di lavoro, Egli-vi vede ora dispersi per il mondo a seminare la buona semente che frutta per il cielo, ma la vostra memoria ancora palpita nel suo cuore e per voi lancia, sulla vastità dell'oceano, la sua prima episcopale benedizione.

E questa benedizione guingerà fino sul campo di battaglia dove due dei nostri compagni, con la Croce di G. Cristo al braccio volano angeli consolatori tra le file dei combattenti, e dai petti squarciati rinviano l'ultimo saluto alla Patria e le anime anelanti di pace indirizzano al bacio di Dio.

O benedizione santa, nel tuo volo radioso fermati sull'umile culla della Congregazione Salesiana — l'oratorio di Torino — e posati filialmente sul capo venerando del successore di D. Bosco. — Fermati a Roma sull'Ospizio S. Cuore dove fioriscono le opere per le quali Mons. D'Aquino diede le sue più belle energie, posati sul capo di quei superiori e discendi, stimolatrice di bene, in ogni cuore giovanile. —

Ma prima di intraprendere il volo magnifico, o benedizione santa, discendi nel mio povero cuore che non potendo esprimere gli affetti propri e quelli degli amici che doveva rappresentare, riunisce i mille palpiti in un solo palpito, le mille voci d'augurio in un solo saluto augurale: «Oh! possa l'Eccmo. Mons. D'Aquino raccogliere abbondanti frutti nel suo episcopale apostolato e viva felice *ad multos annos*.»

Sac. Dott. Ermenegildo Carra

A. S. Ex. Rm. o Sr. D. Aquino Corrêa

Preciosa offerta

D. Aquino, nula inágo mod'ái?

Inágo mod'ái bô emoláru tábo;

Locúda bôcaz inódo tábo,

Inódo papêra atingôlo awogôí.

Inerudái recêdo itábo boégi;

Inadaru páda cáre bôe cag'êge,

Penegarêboe gottú'innu awogag'êge

Tôde jegêre nêre Acábo boégi.

Bispo nure áki, cêde inágo inno,

Deus págui Mígêra gottú'innu acábo;

Cêde bôe enog'áru eu nêre acábo,

Boé Mígêra nure áki cêde boe'innu.

A kiári cêba xenágo inno ai tágí;

Xenag'êre D. Malen págui Mígêrêie;

A'ki r'êma bôe rugêdo metêie,

Riki giocôdo xucadáru cêba dágí.

Acainôda Orári mûgo doguêí,

Itêra pági rugêdo xe taregodare;

Bu cêde carêga xe noguea nogueare

Avinget'íago Borôro doguêí.

Inódo kêge xe tágí mûe mûe

Penegarêboe gottu mûe nêe dágí,

Deus págui Mígêra ánu mûe xeí dágí,

Cêde ino bôe guêtu xe nâgo mûe.

Colônia S. Coração, 1-1-1915.

P. Antonio Colbacchini.

—

—TRADUÇÃO LITTERAL—

D. Aquino, que te direi?

Falar-te-ei com a língua dos Boróros;

Assim mesmo sem saber,

Te escreverei uma carta,

O meu pensamento corre commigo nas cousas,

A minha palavra não pode ficar dentro das cousas;

(Penso tantas cousas que não posso calar,

A graça te revestiu,

Por isto contigo me allegro;

Tu és Bispo, por isso é que assim fallo.

Deus Nosso Senhor está contigo

Por isso os Boróros se gloriam de ti;

E isto é assim porque és chefe dos Boróros

Deixa que assim fallemos;

Dizemos que D. Malan é nosso chefe,

mas tu em verdade és igual;

Certamente que assim é o nosso fallar,

Olha os Orari-mugo-doguêí (Boróros);

Das matas por certo nos sahimos;

Com tudo nos supplicamos

Que não esqueças os Boróros.

Assim sendo, sempre pensaremos

Que o bem estará aqui,

Que Deus Nosso Senhor nos olhará,

Por isto muito obrigados nos dizemos.

Com a carta, que em seguida publicamos, S. Ex.^a Rm.^a o Sr. Arcebispo Metropolitano offereceu ao seu digno Coadjutor uma Cruz peitoral preciosíssima.

Exm.^a Rm.^a Sr. D. Francisco de Aquino Corrêa, DD. Bispo Titular de Prusiade, Auxiliar desta Archidiocese.

A preciosa Cruz peitoral, que esta minha carta acompanha, contendo um fragmento da SS. Cruz em que foi crucificado Jesus Christo Nosso Senhor, e Relíquias de alguns Santos, como S. Pedro, S. Paulo, S. Sebastião e S. Manoel, trouxe-a por muitos annos pendente sobre o peito o exímio e queridíssimo Sr. L. Manoel Joaquim da Silveira, Digníssimo Primaz do Brazil e Conde de S. Salvador, de saudosa recordação.

A mim offertada esta preciosíssima Cruz, depois da morte do Exm. Sr. D. Manoel, por sua veneranda irmã a Exm. Sr. D. Rita Joaquina do Bom Jesus Silveira, eu tambem a tenho trazido com muita veneração sobre o peito durante os trinta e seis annos de meu Episcopado.

Hoje, porém, que acho-me possuido de intimo jubilo, por ter de conferir a Sagração Episcopal a V. Ex. que presentemente é o meu muito amado Coadjutor e Auxiliar no ministerio pastoral, e o será tambem nas alegrias e amarguras que circumdam os Ministros do Senhor, com a maior satisfação a offereço a V. Exc.^a, fazendo ardentes votos a Deus para que della use V. Exc.^a por longos annos, sendo um Episcopado glorioso e abundante em fructos de salvação.

Com sentimentos de verdadeira estima e alto apreço sou.

De V. Exc.^a Rev.^{ma} Irmão o
Amigo aff.^{mo} em J. C.

† Carlos, Arcebispo de Cuyabá.

Padre João Balzola

Hontem pelo paquetinho „Coxipó”, parti de Cuyabá um benemerito do Estado: P. João Balzola.

Enviado como superior na prefeitura do rio Negro, (Amazonas) em boa hora confiada pela S. Sé ao zelo dos Salesianos, parte, deixando após 20 annos de permanencia, rastros indeleveis de sua missão.

Sua excursão no Paranatinga, indigitado pelo saudoso coronel G. Poncê, pacificador entre boróros e moradores do Burity, o reconhecimento quasi completo da inteira tribu, constituem um immorredeiro padrão de gloria ao benemerito sacerdote que, nos abandona, unicamente para dilatar sempre mais os confins da grande patria brasileira.

Era uma columna da missão; deixa uma recordação saudosa. O comparecimento ao seu embarque dos alumnos boróros da Escola Agricola do Coxipó, o offerecimento expontaneo de varios delles de seguil-o, evidenciam os seus meritos, e fazem jts a confiança que a S. Sé, e os superiores n'elle depositaram escolhendo o como superior. Ao P. Balzola os nossos votos de novos triumphos em prol da civilisação e do progresso.

Do “O Debate”

Perguntas e respostas

Um moralista original, propunha aos leitores de um jornal catholico de França, as questões seguintes; abrindo a tal effeito, um concurso:

1. E' verdade que nas prisões ha mais homens do que mulheres?

2. Posto que seja verdade, quaes são as causas?

Eis as respostas que foram declaradas dignas de premio.

1. SIM É VERDADE. Nas prisões ha mais homens do que mulheres, e affirmo-o tendo nas mãos o *Anuario Estatístico* de 1911, no qual lê-se: De 32 condemnados á morte, 29 e-rão homens, 3 mulheres.

Entre 699 condemnados ás galés: 637 e-rão homens, 62 mulheres; Entre 4078 accusados perante o jury: 3447 e-rão homens, 631, mulheres.

Entre 100 presos: 86 e-rão homens e 14 mulheres.

2. QUAES SÃO AS CAUSAS? Sómente Deus pôde conhecer a mais veridica, porém o que o mundo pôde constatar é isto:

—Nas ruas vêem-se mais meninos do que meninas.

—Nas casas de jogo mais homens do que mulhes.

—Muito mais mulheres do que homens nas Igrejas.

UM FRADE LENTE DE UNIVERSIDADE

Foi nomeado professor de psychologia experimental na Universidade de Turin, o P. Gomelli, celebre e conhecido franciscano, que tanto se tem notabilizado na defesa e apologia dos milagres de Lourdes.

E' o primeiro membro de uma congregação religiosa que sobe á cathedra universitaria official depois da tomada de Roma em 1870.

A MINHA PARTIDA

*Já vou partir... d'fôra a brisa mansa,
Da despedida o meu adeus murmura
Tristonha a perpassar;
As aves pelo espaço em debandada
Rufam as azas, vão além perdendo-se
Do meu saudoso olhar!...*
*Eis, chega o dia dez, dia sombria
Que vem minh' alma transbordar de maguas
De saudades cruéis!...*
*Os olhos meus tão cheios de pesar
E rasos d'agua a despedir contemplam
Os pallidos vergeis!...*
*A' porta, o baio velho já me espera
O pé batendo, como já querendo
Pela estrada tratear;
O guapo peão lá fôra me aguardando,
E a mala atada na garupa prompta,
Convidam-me montar!...*
*Chega o momento, fuço as despedidas,
Monto, do baio velho lomo as redeas
E ponho-me a marchar;
Por ultima vez fto os descampados
Onde meus olhos se perderam mestos
Da tarde no seismar!...*
*Sigo. Aqui, ali e pela estrada além
Nada me vem lenir as maguas duras
Que estão a me pungir
No fundo d' alma!... Tudo pezaroso
Faz inda mais crescer as dores tantas
Que me obrigam carpir!...*
*Parti! Pelos campinas e vallados
Commigo o passerado solugava
Uma canção de dor!...*
*Ja sentido por deixar saudoso
O bello sitio onde passei sorrindo
Da brisa entre o frescor!...*
*O tempo ainda não poudo consumir
Do peito meu tantas saudades finidas
Que me pungindo estão!...*
*Lembro-me bem, e n' alma inda conserro
Traços inapagaveis, finidos, nitidos,
Viva recordação!...*

Contraveneno religioso

CAPITA DECIMA

Dos que estão fóra da Igreja

*As crianças mortas sem baptismo condemnam-se?—E os heterodoxos?**—E os inféis!*

SAUDOSO CARLOS.

(Continuação)

Mas estes meninos, sendo privados assim da bemaventurança do paraizo, gozarão ao menos de bemaventurança natural?

Sobre isto a Igreja não falou; mas si quizeres saber o que a respeito pensa S. Thomaz, opino que sim: ficarão unidos a Deus pela participação dos bens naturaes, e assim poderão ainda gozar-O com um conhecimento e amor natural.

Mas sentirão grande pena ao virem-se privados daquella outra bemaventurança superior?

Não, porque não terão desta conhecimento algum, nem, por conseguinte, a dor de não a possuirem.

E basta dos meninos. Passemos aos adultos.

* *

E venha em primeiro lugar aquellos christãos, quer protestantes, quer schismaticos ou de outra qualquer seita, que morrem fóra da Igreja Catholica. Irão todos para o inferno?

De vagar, Carlos, não corras demais. E' principio fundamental que ninguém se condemna a não ser por culpa propria. Do que se segue que aquelles que vivem na heresia ou no schisma em boa fé, e portanto sem culpa propria, não serão condemnados pela sua crença. Enquanto, pois, aquelles que vivem em má fé, conhecendo ou duvidando de estarem

no erro, para elles em tal estado não ha salvação.

E que maravilha? Parece-te pouco não se importar com verdades de summo interesse, para revelar as quaes um Deus desceu do céu á terra: fechar os olhos ante a luz e obstinar-se em não querer vêr; rebelar-se contra os remorsos da consciencia que se sente de estar fóra da estrada? Tudo isto não te parece culpa bem grave? Mas S. Pedro chamava os herejes homens que se lançam sobre a cabeça uma condemnação (2. Ep. 2. 1), e o apostolo Judas diz que a elles *procella tenebrarum servata est in aeternum* (v. 13).

Além disso: não era patrão o Senhor para determinar o caminho que devia trilhar para chegar ao seu reino? Podia fazel-o e não o fez, promulgando a sua lei, fundando a sua Igreja, que é como um comboio que vae direito á celeste Jerusalém, enquanto os outros comboios vão por outros rumos. E tomarias, com o fim de chegares lá, também estes ultimos? Mas dize-me, quando, partindo da estação de Roma queres ir a Napoles, crês que, em vez de tomar o trem de Napoles, si tomares o de Milão ou de Genova, chegarias igualmente á bella Partenope? Logo, para quem toma, a olhos abertos, um caminho falso não ha esperança de attingir á meta celeste.

Mas, ainda que para estes não ha salvação, repito, pois, que pôde ha-

vela para aquelles que se acham em boa fé.

Como, porém, * * * pôde isto conciliar-se com aquella maxima, que *fora da Igreja não ha salvação?*

Concilia-se perfeitamente bem. Saiba portanto que a Igreja foi instituida por Jesus Christo como uma pessoa moral composta de corpo e alma. O corpo da Igreja compõe-se da aggregação dos fieis unidos reciprocamente com os vinculos externos da profissão da fé, da participação dos sacramentos, e sobre tudo da submissão ao Romano Pontífice: a alma consiste na graça santificante, na fé, na esperança, na caridade e nas outras virtudes que destas derivam dos fieis. Pertence-se ao corpo da Igreja com a recta profissão publica, e á alma com a recta vida privada: donde se segue que se pôde pertencer á alma sem pertencer ao corpo e vice-versa.

Assim, um catholico que está em peccado mortal, pertence ao corpo da Igreja, mas não á alma. Os herejes e schismaticos estão separados do corpo da Igreja, mas nem todos da alma. Os que vivem em má fé, estão separados do corpo e da alma, portanto para elles não ha salvação; mas os que vivem em boa fé, embora estejam separados do corpo da Igreja pela falta de profissão publica, podem pertencer á alma, pela graça santificante ou pela fé implicita, e por consequencia não estão fora do caminho da salvação.

Mas, haverá muitos?

Talvez mais do que pensas. Também entre os heterodoxos o baptismo administrado aos meninos (com a devida formula) produz o seu effecto: portanto si estes morrerem antes do uso da razão, vão d'aliinho ao para-

izo. Ora, calcula-se que um bom terço dos homens morrem antes desse tempo. Vê, pois, quantos se salvam?

Supponhamos agora que esses meninos attinjam o uso da razão: mas aos quinze annos e mais ainda não é bem verosimil que estejam em boa fé acerca daquillo que lhes ensinaram seus paes, pastores e mestres? E então não cessarão de pertencer á Igreja, e si viverem honestamente, poderão salvar-se.

Mais difficil será achar a boa fé nos herejes de idade madura, maxime si vivem em cidades, si pertencem á classe mais culta, si têm em redor de si bom numero de sequezes da verdadeira religião. E, por vez, si falamos daquella gente mais rustica que vive nas campanhas, daquelles artistas, daquelles operarios que não conhecem outra coisa sinão o seu campo e sua humilde cabana: quem não ficaria persuadido que vivam no erro só materialmente e inteiramente em boa fé?

Ah! é-mo doce esperança que muitos desses pobrezinhos, que estão separados de nós somente por desventura e não por malicia, poderão um dia abraçar, em união com Deus, na patria commun do reino eterno.

E agora uma palavra sobre os infieis. Todos estes infelizes serão, pois, condemnados só porque não nasceram na Italia, na França ou em outra terra christã?

Calumnias. A Igreja não culpon nunca a ninguém por ter nascido aqui ou acolá: nunca disse que a ignorancia invencivel da revelação será punida como uma culpa. Portanto, elles serão julgados somente segundo a lei natural, que está escripta em todos os corações.

Pôz aquelle idolatra um assassino, e lá vão os adúlteros? E então, si for

condemnado pelas suas pessoas per-versidades, que tens a censurar? Observou, pelo contrario, exactamente a lei natural? E então, ao interno certamente não será condemnado. Não obstante isto, não tendo fé e baptismo, poderemos dizer que será excluído do paraizo: e, tambem aqui, o que poderias replicar si elle, não vestindo o habito de côrte, não fosse admitido naquella côrte celeste, á qual, por outra parte, nenhum homem tem direito, mas é convidado por gratuita liberdade do Senhor sob aquella condição e não differente?

Centudo com aquelle pobre selvagem a opinião dos melhores theologos é ainda mais benigna, e pensa que, lhe era possivel para cumprir a lei natural, Deus não deixará de illuminar-o nas cousas indispensaveis á eterna salvação. E, isto fará, diz S. Thomaz com outros, ou por meio de qualquer interna inspiração especial, como fez com Job; ou por meio de qualquer especial mensageiro de Deus como fez com o centurião; ou finalmente ainda, por meio de um anjo, como fez com Jacob e outros patriarchas. E assim aquelle mesquinho receberá certamente o conhecimento de Christo e o baptismo ao menos de desejo, ou explicito ou implicito, ou immediatamente de Deus ou por outro meio qualquer, e por essa via poderá ganhar o paraizo.

Sobre este ponto lemos a miúdo, bellissimos exemplos nos *Annaes da propagação da fé*, que nos mostram bons velhos pagãos, deparados no fim da vida com um missionario, que, por vias providenciaes, chegou a tempo de mandal-os, com o baptismo, ao paraizo.

Em toda esta doutrina onde está a dureza e a intolerancia?—Eis, portanto, confirmado, pela centesima vez, que as doutrinas da Igreja são

vilipendi adas porque não são conhecidas: si fossem melhor conhecidas, seriam tambem melhor respeitadas.

*
**

Sobrevem-me um pouco de escrupulo porque, tendo-te mostrado como tambem para os herejes e idolatras tenha lugar a salvação, chegue indirectamente a diminuir em ti a estima que fazias de teres nascido no gremio da Igreja catholica.

Não, Carlos, não. Observa um pouco como a salvação seja para elles mais difficil que para nós.

Imagina um pouco de teres nascido protestante. Serias um protestante de boa fé? Tu, pessoa civil, pessoa instruida, pessoa prudente nas tuas cousas, não terias deveras nenhuma duvida, nenhuma suspeita de laborar em erro? Si a tivesses, serias obrigado a instruir-te e agir com sinceridade. Fal-o-ias tu? Si não, só com isto te porias em estado de condemnação, descurando de illuminar-te em materia tão relevante. Sim, cada vez mais chegarias a descobrir as verdades da Igreja catholica, até te sentires entusiasticamente estimulado a abraçal-a.

Mas, eis-te ao passo mais malagradado. Terias coragem para emprehen-der um caminho novo? Terias força para superar os obstaculos que te sobreviessem da familia, dos parentes, dos companheiros e amigos? Ah! talvez no melhor da cousa farias feio, como tem acontecido a tantos outros, que *lançaram mão ao arado e depois olharam para traz*.

E isto enquanto a fé. E os costumes! fóra da Igreja? Serias verdadeiramente um joven honesto e casto?

Si tambem agora torna-se, não raras vezes, difficil superar a paixão da incontinencia, que farias, pois, sem a

Missa; sem a confissão, sem a mesa eucarística, sem a invocação de Maria e dos teus santos advogados?

Oh! dize-me: sem todos estes meios de salvação qual seria a tua vida?... qual a tua morte?... qual a tua sorte por toda eternidade?

Sê, pois, grato á bondade do Senhor que te fez nascer no gremio da sua Igreja, e tanto mais grato, quanto mais que não é este beneficio com-

mum de todos: *Non fecit taliter omni nationi* (Ps. 147. 20). Tem, todavia, para os dissidentes um coração largo, um coração indulgente, um coração confiante; pensa, porém, que, si também para elles possa haver *esperança*, no caso exposto; para ti ha *segurança* de attingires á boa meta si não desviares do bom caminho encetado.

Fim da carta X.

LA CROIX ET LA CHARRUE

A Son Excellence

Monseigneur Malan.

Où l'a dit: nul n'osa leur ravir cette gloire,
Nulle main déchira cette page d'histoire;
Aux abeilles la ruche, et la France aux Montiers,
Là, barbares, romains, comme dans des moutiers,
Confondus, mêlés lentement, se groupèrent;
Ainsi forêts, vallons, rivages se peuplèrent.
Partout où rayonna la lumineuse Croix,
Partout où s'éleva la tour chantant: je crois!
La tour bénie avec sa voix d'airain sonore,
Aux feux mourants du jour, aux clartés de l'aurore,
Là, des moines sacrés les nombreux bataillons,
De la terre, en priant, couvraient les longs sillons,
Et les flots conquérants des trépas vagabonds
S'arrêtaient étonnés devant les moissons d'or des,
Pour voir l'aire s'emplit des grains d'or du froment
Comme s'emplit la nuit d'astres le firmament.
Le cœur s'éprit d'amour pour la féconde terre;
On éleva la tente autour du monastère;
Et le champ arrosé de sueurs, de soleil,
Donna, prodigue, un pain savoureux et vermeil.
La forêt s'éloigna, faisant place à la plaine,
Où la jeune cité, comme une urne trop pleine,
Par la crainte, d'abord, murée en ses remparts,
Lança enfin des maisons les flots de toutes parts.
Cette œuvre grandiose, ô moine, elle est bien tienne;
C'est toi qui fis la France en la faisant chrétienne.

* * *

Depuis vingt ans, à la même œuvre, avec succès
Vous travaillez, Evêque et moine et bon Français,
Dans ce Brésil, que de forêts inexploitées!
Que de tribus sans doute y vivent ignorées.
Loin du Christ, seul veut Dieu, seul base et ferme appui
Des cités: vainement on bâtirait sans Lui!
A vous le grand matto, comme jadis le moine
Pour étendre du ciel le divin patrimoine,
Vous allâtes, apôtre, en ces loins chemins,
La croix sur la poitrine et la charme aux mains,
Porter la paix, porter la liberté, la vie
Aux tribus horrées que le Brésil couvra
Par vous, au grand festin de science et de Foi
Qu'il offre avec amour à qui reçoit sa loi.
Coxipó Palmeiras, vos étapes premières,
Sacré cœur, Comçipó, l'elles dans le lumôre,

Redisent vos efforts, proclament vos combats;
 Chaque tige de riz, chaque motte de terre
 De peine et de sueurs nous révèle un mystère;
 Partout où de la vie est le rayonnement
 Brille d'une douleur le divin monument.
 Et ces fiers Bororós que la forêt allèche
 Laisseront à votre appel leur grand arc et leurs flèches,
 Le silence des bois, le murmure des eaux,
 Où leur canot caresse aguapés et roseaux.
 Ces bororós plus doux conduisent la charme
 Guident les bœufs tardifs et la mule qui rue,
 Sèment dans les sillons l'"arroz" et le "feijão".
 Bororós laboureurs, bergers et artisans
 Disent bien haut, mais tous ne savent pas les entendre
 Que du Crucifié la voix est forte et tendre,
 Et quels riches trésors d'amour, de liberté,
 Renferme son grand cœur de plusieurs rejetés,
 Ce cœur qui se survit dans le cœur de l'Apôtre,
 Et que les Indiens sentent vivre en le vôtre.

*
**

A ce nouveau Bercail et par vos mains fondé,
 A ces brebis un bon Pasteur est accordé.
 Votre boulette d'or qui brille et qui les garde,
 Telle au milieu des camps la vigilante garde,
 Sera comme autrefois centre d'attraction
 Puisqu'elle est source aussi de bénédiction.
 A la hutte de bois que le "capim" recouvre,
 Qui ne se ferme pas pour qu'à tous elle s'ouvre,
 (Les Bororós sont bons, simples, hospitaliers,)
 Bientôt vont succéder maisons avec piliers,
 Vérandas et jardins, et le luxe peut-être
 Volera de Rio pour s'y loger en maître.
 Mais autour du clocher de brique ou de granit,
 Qui chante dans l'azur et de l'azur bénit,
 Le village coquet, à son ombre se range;
 Il se fait beau pour lui, se peint de vert, d'orange
 Même je vois déjà les routes se tracer;
 J'entends les chars de fer sur les rails s'élançer
 De Rio, de Saint Paul, qui, par mille portières
 Versent les émigrants, à flots, jusqu'aux frontières...
 Ah! sauront-ils alors quels charmes dans la nuit,
 Quelle fatigue aussi quand le beau soleil luit,
 Vous avez par ces champs, en course, savourée,
 Et que la main divine a seule tempérée!
 Mais qu'importe à l'apôtre; il passe et fait le bien,
 Lors même que sur terre il ne resterait rien
 De ses sueurs, de ses combats, de ses alarmes,
 Ignore-t-il qu'au ciel il n'est pas une larme,
 Un seul soupir, un pas, qui ne lui soit compté,
 Et n'assure à jamais son immortalité?

Fr. Ignace Gau.

D. AQUINO CORRÊA

E' immensamente grande o patrio sentimento
 Que dum homem vulgar faz eminente vulto,
 A quem presta o paiz, em civico tumulto,
 O preito nacional de reconhecimento!

Mas é inda maior si tem por fundamento
 Da avita e santa Fé o eterno e amavel culto...
 Forma-se, então, o ideal que impelle um povo culto
 A' conquista da paz e do engrandecimento!

Tal o ideal que tua alma inspira, ô D. Aquino,
 E arroba essa fronte, em que o fulgor divino
 Tão cedo se irradia na aureola episcopal...

Salve! ô joven Pastor, desta terra o primeiro!
 Brille em teu peito a cruz, qual no céu brasileiro
 Resplende pelo azul a eterna cruz austral!

Fevereiro de 1915.

A. M. O.

O soldado e a Irmã de Caridade

I

Um dever militar chamava-me ao hospital. Ia ali visitar um pobre soldado, minha ordenança nos spahis de Constantina, e a quem uma doença d'Africa levava a uma morte horrível e próxima. A sciencia tornada impotente, passava sem parar pela cabeça do meu cavalleiro.

A familia ausente, talvez bem longe, nunca visitava aquelle leito solitario. Não se viam amigos nem camaradas approximar-se daquelle homem chegado de paizes longinquos. Está só na terra. Ninguém pronunciava o seu nome e mal sabiam que estava ali. O numero 28, pintado em uma pequena taboa, estava suspenso por um prego á cabeça do leito. Duas letras de cinta, que tantas vezes haviam servido, e que continuariam a servir era apenas o que distinguia aquelle infeliz dos outros.

Conhecera-o cheio de forças, cavalleiro alegre que distrahia as nossas marchas, valente soldado, que tão alegremente passava a vida. Estimava-o, e elle bastantes vezes me provára a sua dedicação em muitas circumstancias perigosas.

Todavia, quando parei ao pé de sua cama, pareceu não me reconhecer. Os seus olhos fixaram-se em mim, porém: não raiou intelligencia alguma; dos labios entreabertos, immo-veis e seccos, apenas se escapou um sopro irregular, soffreado. A mão emmagrecida, branca e fria como o marmore, nem mesmo estremeceu ao contacto da minha. Chamei o doente em voz alta, mas ficou surdo e immovel. O seu olhar sempre fixo no meu, e tudo me provava que não me via. A alma ainda habitava o corpo, mas estava sepultada nos mais reconditos esconderijos. Retu-

giara-se ali tão bem que só Deus a poderia encontrar. Os sentidos, interpretes da alma, dormiam todos.

II

Um ligeiro ruido, tão ligeiro como o da folha arrastada pela brisa, chegou-me aos ouvidos. Aquelle sopro quasi insensivel, que eu apenas percebi, fez estremecer o doente. Os seus olhos dirigiram-se para o lado, a sua fronte illuminou-se, os seus labios procuraram um sorriso, e o sangue circulando-lhe as mãos que se cruzaram sobre o peito. O meu olhar seguiu o seu, e vi ao pé de mim uma irmã de caridade: o moribundo ouvira-a primeiro. A serva de Deus acabava de despertar aquella alma, como o orvalho invisivel da manhã resuscita a planta dessecada.

Approximando-se do leito, a pobre filha enxugou o suor frio que inundava a fronte do soldado, e pendendo-se sobre elle, perguntou-lhe com voz suavissima: «José, como vae?»

Naquelle casa era para todos o n. 23; para mim fora sempre o cavalleiro Meyer; para ella, era José.

José! — Sua mãe chamava-o assim na sua choupana d'aldeia: aquelle nome quasi esquecido pelo proprio soldado, recordava-lhe os mais bellos momentos de sua vida: a sua infancia livre nas florestas d'Alsacia, os jogos, as caricias, as felicidades, as lagrimas da familia querida.

José! — Ninguém lhe chamara assim senão os irmãos, os irmãos e sua mãe; era só na aldeia que os velhos conheciam José.

José! — Era o seu nome no céu, o padre l'h'o havia dado, dando-lhe ao mesmo tempo um protector junto de Deus.

O cavalleiro Meyer não reconheceu o seu capitão; o christão José reconheceu a irmã de caridade.

Depois de o ter tratado por alguns instantes, como a mãe trata o filho, a irmã abriu um guardanapo branco que trazia, tirou delle algumas flores, e as espalhou sobre o leito de José. O doente estremeceu, os seus olhos brilharam, e as suas mãos tocaram aquellas flores, acariciando-as.

A irmã de caridade pareceu então ver-me. Ao reconhecer em mim um official do exercito, comprehendeu que estavamos em familia. Disse-me então sem preambulo algum: «José antes de assentar praça era jardineiro.»

O infeliz soldado foi o pretexto e o assumpto de uma conversação muito breve entre a irmã e mim. Disse-lhe que José Meyer era um dos meus antigos spahis. Soube que ella era a irmã Martha, filha do campo, pobre e ignorante. Cançada pelas fadigas e trabalhos, mostrava ter quarenta annos, mas apenas contava trinta. A sua pallidez contrastava com uma força apparente e real. Em tudo o mais se lhe notava um olhar puro e limpo, que os pintores d'Italia dispensam ás suas madonnas, e um timbre de voz de uma melancolia suprema.

Da mesma forma que o soldado, a irmã deixara o seu torrão natal para servir; elle, era servo da patria, ella, dos pobres.

III

Passados doze annos depois da epocha em que acabo de vos fallar, em 25 de Junho de 1848, dirigi-me rapidamente, com os batalhões que me estavam confiados para Hôtel-de-Ville de Paris, seguindo as margens do Sena. Depois da ponte das Artes, não encontrava senão solidão. Espessas nuvens de fumo se elevavam lentamente sobre Paris, e agglomerados incessantemente, ficavam

quasi immoveis coroando os edificios.

Ouviam-se detonações immensas, e de minuto em minuto a grande voz do canhão dominava todo o tumulto. Ao longe o toque sinistro do sino respondia ao tiro da artilheria.

Nós marchavamos sempre sem ouvir uma unica voz humana.

Um negociante, cuja loja estava semiaberta, interrogava o espaço com o olhar inquieto, e com o ouvido á escuta disse-me: «Isto approxima-se, corra, corra.»

Depois o negociante fechou a loja, e eu ouvi correr as trancas e as linguetas das fechaduras.

A batalha tomára um desenvolvimento horrivel.

Não tardamos em estar na presença dos insurgentes. O general Duvivier, que ia ser mortalmente ferido, e a quem eu vi, por Deus! pela ultima vez, occupava a praça de Hôtel-de-Ville. Na retaguarda delle duas peças de artilheria varriam uma rua.

A' entrada da praça do lado do rio, um batalhão de rapazes guarda moveis, todo sanguinolento dos seus gloriosos combates da vespera, preparava-se para o ataque das barricadas que cada vez nos apertavam mais.

O espectaculo da destruição não podia ser mais completo. As casas abatiam ao receber o choque das balas. Naquellas paredes que derrocavam entre nuvens de poeira, sepultaram-se um com numero de corpos humanos.

Alguns dos insurgentes levantavam-se a custo, procuravam occultar-se na sombra para se juntarem aos seus cumplices. As espingardas apontavam das janellas, e desfechadas por mãos invisiveis, varavam o coração dos nossos camaradas.

Por toda a parte se erguiam gri-

tos, gritos de raiva abafando gritos de dôr. Algumas vezes partia um clarão da boira dos telhados, e a bala caía, ao acaso, entre nós. Então outra bala bem dirigida destruía o telhado e os atiradores. Os respiradouros das adegas vomitavam a morte, as casas, conservando apenas as paredes vacillantes, pareciam balançar-se. O solo estava juncado de vidraças partidas, que brilhavam como raios do sol, e rangiam debaixo dos pés. Encostados aos parapetos dos caes, alguns feridos, na última agonia, pediam uma gotta d'agua.

Por grande que fosse o ruído na praça onde parámos um instante, um ruído maior e mais longinquo chegava de todos pontos do horizonte. Paris debatia-se em uma crise suprema. A civilisação ia viver ou morrer. Aquelles a quem a razão nada lhes dissera adivinhavam-n'o por instincto; era a explicação que tinham o encarnizado da lucta.

O gyro acabou ao pé das barricadas.

Uma forte columna formada da tropa de linha, de guardas-moveis e guardas nacionaes, vindo das provincias pôz-se em movimento. Uns vinte guardas-moveis, fillos de Paris, formaram a vanguarda e os lados. Tomaram aquelle lugar sem ordem, porque lhes convinha. Um d'elles que eu agarrei em um braço para que ficasse na ala, disse-me: «Ora, eu quero ver, e os seus granadeiros não me deixam.»

Foram tomadas tres barricadas successivamente. A quarta era um muro, um verdadeiro muro de cantaria, muro guardado de ameias que seria impossivel transpôr sem artilleria. Foi dada a ordem de voltar á posição primitiva, e caminhar para as casas. Batense então em retirada

um pouco precipitadamente até as ruas transversaes.

Entrei em uma daquellas ruas, ao mesmo tempo que uns trinta combatentes, soldados de linha, guardas-moveis e guardas-nacionaes das provincias. O resto da columna, em desordem, procurava um abrigo além das primeiras barricadas tomadas por nós.

A rua, na qual marchavamos, achava-se tão proxima da formidavel barricada que ainda estavam no meio daquella atmosphera de fumo produzida pela descarga geral. Compreendi de repente que ficaríamos no terreno da insurreição, e que talvez viessemos a ser prisioneiros, si os defensores da barricada, franqueando elles proprios os obstruculos, tentassem uma volta offensiva.

IV

Quizera que houvesse palavras que pintassem tão rapidamente como se desenvolveram os factos que eu vou tentar descrever. Tudo isto foi prompto como o pensamento.

Em um pateo humido e sombrio sobre a palha ensanguentada as irmãs de caridade haviam formado uma ambulancia. Ignoravam a qual dos partidos pertencia a quella parte da terra. Ajoelhadas aos pés dos feridos soldados, guardas-moveis, insurgentes ou guardas-nacionaes, tratavam todos, pedindo a Deus por ellos.

Aquelles homens, ha pouco tão tomiéis, estavam agora prostrados e entregavam-se ás mãos daquellas pobres filhas.

Quando, com um só olhar eu vi o que acabo de descrever tão lentamente, dois soldados da linha conduziam uma guarda-movel, com um hombro partido por uma bala, e que soltava gritos lastimosos. Era um rapaz de dezeseis annos, de olhos a-

zues, de cabellos louros, rosto fresco.

Uma irmã de caridade, que tratava de um insurgente, levantou-se sustentou o rapaz nos braços, e arrancou-lhe vivamente a túnica. Ainda conservava na mão o uniforme do rapaz, quando um bando de insurgentes sahiu tumultuosamente da casa fronteira á ambulancia, e cuja porta acabava de me cahir aos pés.

O chefe daquello bando, vestindo uma blusa azul, trazia numa faca de matto no cinto vermelho, um lenço amarrado em volta da cabeça; a bocca, ennegrecida pela polvora, dava-lhe character singular de ferocidade.

Viu em primeiro lugar o uniforme do guarda-movel nas mãos da irmã. Esta voltou-me as costas e o seu rosto ficou-me occulto.

«Tratante! gritou o insurgente com uma voz horrivel: vaes morrer.» Em seguida lançou-se sobre o guarda-movel.

O filho de Paris, deitado de costas, levantou-se procurando defender-se da lamina ameaçadora de morte. O homem collocara de parte a sua espingarda descarregada.

A irmã de caridade levantou-se ao mesmo tempo, fez o signal da cruz e collocou-se diante do insurgente. Mas aquelle vulto não era um homem; a vingança, a embriaguez, cegavam-no, e feriu a irmã de caridade com o fio de sua faca. Ella vacillou, e, caindo ajoelhada, ao pé do guarda-movel, quiz ainda protegê-lo, porque o ferro já se erguia segunda vez.

Então um guarda-nacional de provincia apresenta-se entre a irmã e o assassino. Com uma baionetada, estende o insurgente aos pés, emquanto que a lamina da faca, dirigida sobre a irmã, foi partir-se sobre a cartuxeira do guarda.

Começou a fuzilaria de lado a lado:

afinal atiram já em desordem. Combatem corpo a corpo, e o fumo tornou-se logo tão espesso que não se distinguiam os amigos dos amigos. Mas nem um grito nem uma palavra. Isto não durou mais que dois minutos, mas dois minutos terríveis.

Ouviu-se a descarga do nosso lado e depois appareceram no fim da rua os caçadores a pé. Os insurgentes precipitaram-se na casa donde sahiam e desappareceram formando barricadas. O tumo levado pelas brisas começava formar duas nuvens azues que pairavam no espaço. Então vi a irmã Martha de joelhos, com o peito ensanguentado e o rosto sereno. Em pé, junto della, encostado á sua espingarda estava o ex-cavalleiro José Meyer, que olhava tambem para o céu!

V.

Antes de sahir de Paris, quando terminou a lucta, tornei a ver José Meyer, que havia muito julgava morto. Soube por elle como a força de vigílias, de cuidado, de caridade,—caridade de orações, caridade de flores, caridade de palavras, caridade de lagrimas, caridade de esperanças, a irmã Martha lhe dera a vida.

Durante quinze longos mezes, a heroica irmã disputava a morte áquelle soldado que lhe era desconhecido. Os soccorros da sciencia teriam sido insufficientes, as lagrimas da familia teriam sido impotentes, a acrysolada caridade da humilde mulher de touca, de um branco alvissimo, trajando de veste preta, com o rosario suspenso á cintura e o crucifixo, cumprira o milagre.

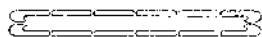
Deus permittira que a irmã de caridade salvasse o soldado e que o soldado salvasse a irmã de caridade.

G. H.

Chronicas do Cuyabá

(Annoes da Soudade da Ciumara)

(Continuação)



ANNO DE 1732: Chegou monção de povoado com bom successo: expedisse desta villa outra e nella se-guiu viagem o vigario, padre Antonio Durra de Quadros, antes de fin-dar o seu triennio, nem lhe vir suc-cessor, deixando em seu lugar o pa-dre André dos Santos Queiroz, por grandes duvidas e disputas que teve com o ouvidor, dr. José de Barges Villa-Lobos, tanto que chegaram a dessemposturas verbaes.

ANNO DE 1733: Partiu em prin-cípio deste anno o sargento-mór Anto-nio Fernandes de Abreu com os des-cobridores das minas de Matto Grosse e outras muitas pessoas a lan-garem roças nos ditos descobrimentos.

Vindo neste anno monção de po-voador, que constava de cincoenta canoas, capitaneadas por José Car-doso Pimentel, natural de villa de Iju, navegando o pantanal perto do reducto do *Carandá*, sahio-lhe uma *timbalha* de payaguás, investindo as canoas da monção foram-n'as ren-dendo sem resistencia alguma, e só resistiu o Pimentel, auxiliado por Maria Mulata, natural do Alentejo: fizeram estes deus tão ardua empre-za ou resistencia, que pelejaram por espaço de duas horas contra todo o tumulto do gentio, que sobre elle ca-hiu. Morto Pimentel, exgottado em sangue, ficou ainda a forte matri-ma por espaço de uma hora pelôjando contra toda a *brutalia* furia, tñando-lhes as lanças das mãos e com cili-s de ferro se cortando a si, até que ex-

gottada em sangue passou desta á eterna vida.

Achoi-se no mesmo conflicto um negro por nome Sebastião, de nação Benguelia, corpulento e estorçado: pelejou este primeiro da sua canoa com um varejão, cada horloada que com elle dava era um inimigo morto com a cabeça ou espinhaço quebra-do, e vendo que da canoa não esgrimi-a a seu gosto saltou para o campo, que estava em tijundi, onde deu que fazer a turba que sobre elle cahiu pa-ra o prender e não o matar, queren-doso amarrar, sacaram-lhe o vare-jão das mãos, avuçou-se a braços, a um arrancou a lingua pela guela, a outro torceu o pescoço, que lhe poz a cara para as costas, até que o dei-raram e levaram vivo com toda a mais companhia, sem que escapas-sem mais do que quatro pessoas, do-uz brancos e deus pretos, que por terra, atravessando os pantanaes, trouxeram a noticia do que viram e presenciaram, que tudo depuzeram fielmente.

Chegaram no fim deste anno ao Matto Grosso o sargento-mór Anto-nio Fernandes de Abreu e outros, deixando roças plantadas, apregoan-do grandezas das minas, com bastan-te ouro que trouxeram, tendo algum já na chapada de S. Francisco Xavi-er, o que causou grande alvoroço no povo.

ANNO DE 1734:—Chegou a monção de povoado e nella o trepente-general, Manoel Rodrigues de Carvalho, por

comandante da gente de guerra, para invadir os payaguás por ordem de Sua Magestade, enviada ao governador da cidade de S. Paulo, que era então Antonio Luiz de Favors (1). Trouxe consigo 400 homens de guerra: tudo o que era branco, por pobre que fosse, trazia patente passada pelo general, uns de mestros de campo, sargentos-môres, capitães, coronéis, furrieis, alferes, tenentes, ajudantes, sargentos, cabos de esquadra, e estas patentes mandavam-se-lhes entregar antes de embarcar em Araracataguaba, e logo lhes faziam ali pagar o custo dellas, umas a dez moedas, outras a oito, e as mais conforme a dignidade do cargo, que na patente se declarava: e com isto davam os pobres homens o dinheiro que tinham para seus aviaamentos e vieram á Divina Providencia, e esta foi a ajuda de custo que se lhes deu, mandando Sua Magestade fazer a guerra á custa da sua Fazenda.

Quizeram nesta chegada algumas pessoas fazer viagem para Matto-Grosso a colher as roças que lá haviam deixado feitas no anno antecedente; publicou-se Bando para que nenhuma pessoa sahisse do termo da villa para parte alguma antes de sahir a armada, debaixo de grandes penas. Com isto não sahiram os que queriam ir para Matto Grosso, mas sempre se occultaram muitos, e alguns dos bons, por estes arrebaldoes onde estiveram reclusos até sahir a expedição.

Preparou-se nesta villa a leva pa-

ra a dita guerra, tudo á custa do povo, sem que se visse gasto algum da Real Fazenda, mandando El-Rei fazel-a a sua custa, e sómente meia arroba de polvora mandou dar o seuado da camara pelas suas rendas.

Despenderam liberalmente de suas fazendas o brigadeiro Antonio de Almeida Lara, Antonio Pinto da Fonseca, Balthazar de Sampaio Couto, Salvador de Espinha Silva, Antonio de Pinho Azevedo, Antonio Antunes Maciel, Antonio Pires de Campos e seu irmão Pedro Vaz de Barros, Antonio de Moraes Navarro, Gabriel Antunes de Campos, João Machado de Lima, Philippe Antunes Maciel, irmão de Antonio Antunes Maciel, Manoel Dias penteado e Pedro Taques de Almeida (1). Todos estes prepararam canôas com armas, mantimentos e mais petrechos necessarios, embarcando cada um consigo os soldados que por repartição lhes couberam, e é o como se fez a guerra.

Sahiu a armada do porto desta villa no 1.º de Agosto composta de vinte e oito canôas de guerra, oitenta de bagagens e tres balsas que eram casas portateis, armadas sobre canôas, 482 homens entre brancos, pretos e indios. Tudo o que era branco levava cargo militar e só se diziam soldados os pretos, indios e mestiços. Foram por capellães o padre Fr. Pacifico dos Anjos, religioso franciscano, por padre Manoel de Campos Biendo, do habito de S. Pedro, com todos os paramentos para dizerem missa, que as diziam dentro nas balsas.

(Continúa.)

(1) Conde de Sazuelas, governador de 1732 a 1737. Falleceu no sertão em viagem para as minas de Goyaz. Desta expedição dirigida por Manoel Rodrigues de Carvalho, encontrará o leitor alguma noticia no Annexo F do vol. XIII do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

Deve ser parente do capitão-môr Pedro Taques de Almeida, que governou a capitania de S. Paulo de 1684 a 1687 e falleceu em 1724. O padre Manoel de Campos Biendo, de que abaixo se fala, era irmão do coronel Antonio Pires de Campos e do Pedro Vaz de Campos.

Algo sobre o canal de Panamá

Quando em Setembro de 1911 atravessamos o istmo de Panamá, pareceu-nos imprescindível fazer uma visita, bem que ligeira, ás obras do canal.

A actividade estava na sua maior effervescencia, o grosso da obra já chegava ao seu termo, o corte de Culebra tinha seu nível 100 metros abaixo do nível ordinario, os muros das represas completamente terminados já sustentavam a armação dos enormes portões. Para abarcar a grandeza dos trabalhos, a occasião não podia ser mais propicia.

Porque os que para o futuro atravessarem a distancia entre Colon e Panamá, admirarão certamente, quer seja do tombadilho quer seja da janelhula do wagon, essa obra gigantesca, a maior obra que por ventura conceben e levon a fim o poder humano; mas não experimentarão por certo essa especie de aturdimento sublime que produzia na alma o ardor do trabalho, o grandioso desdobrar da força, representada no ferreo ranger de centenas de machinas, nas continuas detonações da dynamite e nos exercitos de trabalhadores de todas as linguas e côres.

Tambem sobre as partes não concluidas da obra tivemos informações bastante completa, por parte dum empregado da officina central que, com delicada attenção, nos foi explicando detidamente o que era e o que seria o canal, fazendo funcionar sob nossos olhos uma miniatura das represas em madeira. Como, porém, apontamentos de carteira, traçados ás presas, não merecem toda a confiança, consultei para maior segurança, além de algumas revistas como *La Nature*, *La Ilustración* etc., um livro dos mais recentes: — *Panama*

Canal — What it is — What it means por John Barret, Director da *Union Panamericana*, pessoa competentíssima, por ter nos ultimos annos residido no Panamá como ministro Norte-Americano.

A distancia entre Colon e Panamá é de 40 milhas, embora o canal, devido as curvas necessarias da construcção, tenha 50, com uma profundidade media de 45 pés e uma largura de 300 a 1000. Precisarão os navios para atravessal-o mais ou menos 12 horas, tempo em que os admiradores da natureza darão por bem empregado, por terem ensejo de apreciar as represas, os lagos de Gatún e Miraflores com suas pittorescas collinas e pequenas ilhas, e a exuberante e pomposa vegetação tropical que se ostenda em toda parte. A dragagem do canal já começa 7 milhas antes de chegar a terra firme, na propria entrada da Bahía de Limón a qual está fechada e defendida por um quebra-mar de 2 milhas de comprimento e dez pés de largura na sua parte mais elevada. Custou 5.500.000 dollares. Pouco depois entram os barcos nas represas de Gatún, as maiores do canal e do mundo.

Constam de duas series parallelas de represas, para que dois navios possam facilmente desencontrarse.

A encurtada de destes canais é impossivel avallial-a duma só vista.

Quem deseja conhecê-la bem, passe-os debaixo de um sol de fogo como nós o fizemos. Seu comprimento é de 3500 pés, a largura de 110, o sufficiente para dar passagem aos maiores navios que hoje sulcam os mares, como o *Olympic* e o *Imperator*. Os muros lateraes elevam-se na parte mais alta a 85 pés com a base de 45 a 50.

A parede divisoria das duas series de represas, que podem chamar

ascendentes e descendentes, tem 60 pés de largura. No seu bojo ha galerias para passagem dos empregados, quarto para os machinismos electricos que movem os portões, toda sorte deapparelhos etc., e no fundo os tubos para encher os tres depositos em que está dividido o canal da represa. Não ha cousa que nos possa dar idea mais completa do quanto são agigantados estas construcções, do que alguns dados concretos: o tubo central p. ex. tem 18 a 20 pés de diametro, de maneira que commodamente poderia passar por elle uma locomotiva; os tubos lateraes comportam um carro de dois cavalloz, e graças a elles cada deposito das tres represas pode encher-se em sete minutos e cinquenta e um segundos até chegar no nivel do superior (28 pés de differença).

Na construcção dos muros empregaram-se duas quintas partes de cimento utilizado para a de todo o canal, mais de um milhão e meio de metros cubicos. Para formar idea do que esta quantidade representa basta saber que com os 3.800.000 metros cubicos de cimento se poderia levantar um muro ao longo da fronteira pyrenica com dois metros de largura e 4,25 de altura. Nisto se firma Mr. Barret, quando diz que as reclusas tem tão pouco que temer dos terremotos como as montanhas do istmo.

Não se mostra, porém, tão confiante o professor J. Stuart no *Smith American Supplement of the Times*.

Segundo elle sómente os depositos de Pedro Miguel e Miraflores estão assentes sobre rocha firme, não porém os de Gatún, que descansam sobre areia argillosa; e embora temha por infundados os receios de que por occasião de alguma terremoto, se abram todas no terreno, não

julga todavia que se possa confiar nesses muros a firmeza das montanhas. Tambem expõe Mr. Stuart a suspeita de que as immensas excovações do canal facilitem sobrevinda de terremotos no istmo.

As comportas para a agua, vistas de baixo impressionam e subjugam o espirito: *Stat ferreus hirsuta lapas*, como as do inferno, disse Virgilio. 300 toneladas pesam as maiores, e 600 as menores; com 65 respectivamente 70 pés de altura. Collocadas umas sobre as outras formariam uma torre de cerca de 200 metros de altura. As precauções empregadas para evitar avarias são excessivas: as comportas são duplas; diante dellas está extendida em ambas as direcções uma corrente de ferro, a maior que até hoje haja sido forjada, com o peso de 24.000 libras, a qual impede o caminhar dos navios, caso por descuido ou má vontade não estivessem com as cadeiras apagadas (porque nas represas os navios não caminharão a propria força, mas puxados por força electrica).

Mas embora todas estas precauções fálhassem, resta ainda um dique de immersão que, recolhido no muro central pôde ser corrido sobre a represa e, deixando cair enormes pranchas de ferro, supprer a comporta deteriorada. Verdade é que provavelmente nunca haverá necessidade de recorrer a este meio suppletorio; porém em obra de tanto trabalho e tanta transcendencia todas as precauções são poucas.



O homem adquire o mais sublimo e o mais perfeito grau de pureza, quando esquecido de si mesmo e das creaturas entregase a Deus.

Expediente: A assignatura ANNUAL
para a Capital, da
REVISTA MATTO-GROSSO, é de 10\$000
pagos ADEANTADAMENTE ou NO PRIMEIRO TRIMESTRE
do recebimento da REVISTA. E, para fóra da
Capital, é de 12\$000.

Assignaturas mensaes — 1\$000.

A importancia, da assignatura deve ser
enviada directamente á REDACÇÃO em *vales pos-
taes* ou *carta registrada com valor declarado*.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á

Redacção da

Revista Matto-Grosso

Lycœu Salesiano de Artes e Officinas

(Estado de Matto-Grosso)

GUIABÁ

Escolas Profissimæes Salesianas—Guiabá.